



INSTITUTO
BUTANTAN

Horto Oswaldo Cruz: histórico e projetos futuros

Adriano Dias de Oliveira¹
Ricardo Silva de Mendonça¹
Giuseppe Puorto²

A rica flora brasileira sempre despertou o interesse de botânicos e naturalistas do Brasil e do mundo. Porém a idéia de se criar hortos ou reservas destinados ao cultivo e estudo de plantas medicinais e de uso indígena no país, teve seu primeiro registro em 1865 na Conferência Botânica da França, quando o então diretor da Seção de Botânica do Museu Nacional do Rio de Janeiro, Dr. Ladislao Mello Neto, evidencia que tal prática seria de suma importância para o desenvolvimento científico brasileiro.

Em 1916, Dr. Arthur Neiva (Fig.1) assume a direção do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo. Procurando expandir as atividades do ainda Instituto Serumtherapico, propõe a criação de um horto botânico no qual pudesse cultivar plantas de importância médica além de fornecer recursos à medicina, orientar o público na cura de moléstias e agir contra o charlatanismo. Recebera o nome de Horto Oswaldo Cruz (HOC), homenagem feita ao seu amigo sanitarista Oswaldo Cruz que fomentou tal ideal. Para dirigir o projeto, Neiva faz convite a Dr. Frederico Carlos Hoehne (Fig. 2). Mineiro de Juiz de Fora, despertou interesse pela botânica aos

1 Estagiário do Museu Biológico, Instituto Butantan.

2 Diretor do Museu Biológico, Instituto Butantan.



Figura 1 – Dr. Artur Neiva.



Figura 2 – Frederico Carlos Hoehne.

oito anos após ter ganho uma orquídea de seu pai. Por falta de recursos e de uma faculdade de ciências na época, tornou-se autodidata, ganhando o título de doutor na Alemanha. Em 1907, foi para o Rio de Janeiro como chefe de jardinagem no Museu Nacional, onde passou a desenvolver vários estudos sistemáticos como participar de expedições, no qual se tornou uma pessoa conceituada. Em 1917, iniciou a construção do HOC (Fig. 3) na área escolhida em frente ao prédio principal do Instituto, que somava um total de 150.000 m² atingindo a várzea do rio Pinheiros. Era necessário renovar o solo uma vez que o local fora utilizado para plantio e olaria na época da fazenda.



Figura 3 -- Entrada do Horto Oswaldo Cruz.

A inauguração oficial do HOC foi em janeiro de 1918, logo após o término das adaptações da área. Importante se registrar que nesse ano foi lançado o fascículo 1 das Memórias do Instituto Butantan, onde o primeiro trabalho publicado foi do próprio Hoehne em parceria com J. G. Kuhlmann, com o título *Utriculárias do Rio de Janeiro e seus arredores*. Para um maior desenvolvimento do projeto, foi criada uma Seção de Botânica (Fig. 4). Vale ressaltar que foi oficialmente a primeira Seção Botânica do Estado de São Paulo, sendo dirigida pelo próprio Hoehne. No decorrer do tempo passou a ganhar algumas dependências. A primeira delas foi a pequena estufa (Fig. 5) inaugurada junto ao próprio HOC. Sua função era de invernar espécies sensíveis ao rigoroso inverno da época. Mas pelo espaço restrito e com a falta de adaptações adequadas, não foi possível tal prática, sendo transformada em um orquidário. É o único vestígio original do HOC, atualmente usado como moluscário para pesquisas da Seção de Parasitologia. Hoehne também criou um herbário (Fig. 6) que contabilizou até o final das atividades do horto com uma coleção de 160 famílias e mais de 4.000 exemplares da flora de uso indígena. Com o intuito de conscientizar a população, em 1919, foram adaptadas duas salas da Seção Botânica como Museu Botânico (Fig. 7). Montado em estantes e bancadas de vidro, contou com um acervo de 300 exemplares onde os visitantes pudessem ter um maior conhecimento da importância médica das plantas cultivadas no horto.

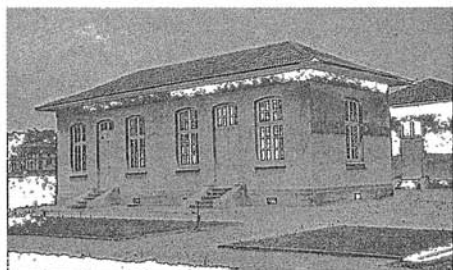


Figura 4 – Seção de Botânica.



Figura 5 – Estufa.

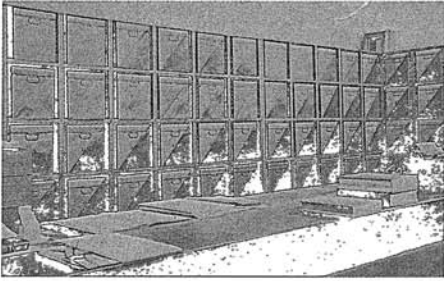


Figura 6 – Herbário.

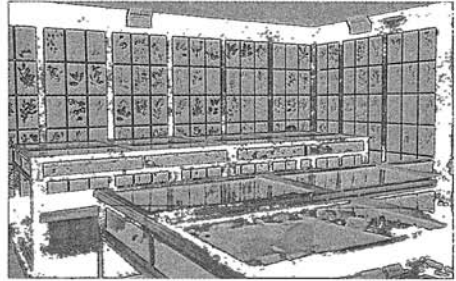


Figura 7 – Museu Histórico.

Como um dos objetivos do projeto era desenvolver uma fábrica de medicamentos a base de quinino, foi proposta a criação do Instituto de Quinino. Embora se obtivesse a erva no qual se extrai tal substância (erva de santa maria/*Chenopodium* sp), não foi possível criar um remédio eficiente a não ser na forma tradicional de óleo essencial (combate vermes intestinais). Com isso, em 1920, foi inaugurado o Instituto de Medicamentos Oficiais (IMO) (Fig. 8), que tinha o objetivo de desenvolver medicamentos que pudessem combater as principais moléstias da época como malária, ancilostomose e sífilis. Porém o IMO não atingiu seus objetivos, produzindo apenas o óleo essencial de *Chenopodium* e água destilada. Passado quase um ano de sua inauguração, o IMO foi fechado. Nessa época o Dr. Rudolph Krauss (Fig. 9) assume a direção do Instituto Butan-



Figura 8 – Instituto de Medicamentos Oficiais.



Figura 9 – Rudolph Kraus.

tan, e relata que os objetivos da Seção de Botânica estavam muito aquém do esperado, além de ser um custo econômico inviável para o Estado propondo sua transferência para o Museu Paulista. Em 1923, Hoehne e sua equipe já se encontravam instalados no Museu Paulista, mas o HOC ainda era utilizado para os estudos da seção. No ano seguinte quando Vital Brazil assume novamente a direção do Instituto Butantan (na tentativa de tirar o mesmo de uma profunda crise), o HOC é desanexado da Seção de Botânica e sua área deixa de ser utilizado para os devidos estudos, passando a ser uma dependência do Instituto Butantan. Vital ainda deu novos destinos as salas da Seção de Botânica e transformou o pavilhão do Instituto de Medicamentos Oficiais em Museu do Instituto.

Passados dez anos, Dr. Afrânio do Amaral (Fig. 10) encontrava-se na direção do Instituto Butantan, e vê o HOC como área de importância para o desenvolvimento da instituição. Em 1935, são retomadas as atividades no horto e inaugurada a Seção de Botânica Médica, porém o desenvolvimento do princípio ativo das plantas seria feito em conjunto com outras seções como a Genética, Química e Farmacologia. De início, Dr. Waldemar Pecholt as-



Figura 10 – Dr. Afrânio do Amaral.

sumiu a direção da seção ficando apenas um ano devido ao seu afastamento da instituição. Após anexações e desanexações em 1938, Dr. Fernando Paes de Barros assume a direção da seção. Embora a segunda tentativa de tornar o HOC como área de subsídio para produção de medicamentos tenha perdurado por volta de dez anos, pouco produziu. Os trabalhos se resumiram na destilação de tintura de carobinha (chá para sífilis), e as tentativas de cultivo da erva de santa-maria não foram bem-sucedidas. Todas essas dificuldades associadas as várias depredações que o horto vinha sofrendo tanto por moradores como por turistas, no qual inviabilizaram seu desenvolvimento, foram cruciais para que a seção perdesse respaldo. Em 1946, a Seção de Botânica Médica, junto à Fisiologia, passaram por uma junção sendo denominadas Farmacologia, algo já proposto em 1941 pelo Dr. Flávio da Fonseca, encerrando de vez os estudos com plantas medicinais no HOC.

Em meados dos anos cinqüenta, um antigo alpendre (Fig. 11), construído em 1920 com a função de armazenar ferramentas e sementes no horto, foi adaptado como casa para abrigar a Seção de Parasitologia, que há muito já necessitava de instalações mais adequadas para o seu funcionamento. Nessa época a seção tinha dois focos de atividades: uma se ocupava da esquistossomose, a cargo do Prof. J. M. Ruiz e a outra do estudo de helmintos, orientada pelo diretor da seção Dr. Flávio da Fonseca (Fig. 12). Esse último foi o responsável por iniciar os primeiros trabalhos com ácaros parasitos



Figura 11 – Alpendre do Horto Oswaldo Cruz.

de vertebrados da América do Sul; organizou no Instituto Butantan, uma das maiores coleções de ácaros do mundo, com 80.000 exemplares, além de uma biblioteca com 2.000 trabalhos sobre o assunto. Com o seu falecimento, em 1963, a seção entrou em uma fase de dificuldades por carência de pessoas especializadas, encerrando os estudos com ácaros. Em 1969, o Prof. Dr. Lauro P. Travassos Filho (Fig.13) fora contratado para chefiar a seção. Dessa vez, os objetivos abrangiam combate a vetores e estudos de insetos. Nos quase vinte anos de atividades na seção, o Dr. Travassos Filho utilizou diversas vezes a área do HOC para realizar seus estudos experimentais com insetos e mamíferos. Aposentou-se em 1988, falecendo um ano mais tarde. Na direção da Seção de Parasitologia, ficou o pesquisador científico Prof. Roberto Henrique P. Moraes.

Em 1992, o HOC foi submetido novamente a uma restauração financiada pelo Unibanco Ecologia, que durou aproximadamente três meses. O objetivo era de transformá-lo em uma área de visitação pública. Para isso, o horto fora transformado em um parque

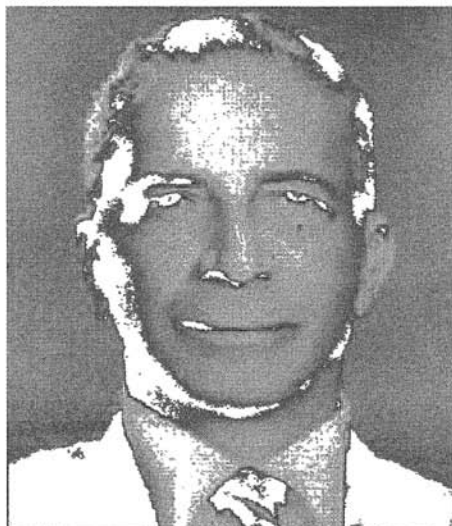


Figura 12 – Dr. Flávio da Fonseca.



Figura 13 – Dr. Lauro Travassos.

composto por um sistema de trilhas, resgatando seu trajeto original. Foi a primeira atividade oficial de educação ambiental no Instituto Butantan, com a instalação de placas de identificação dos principais exemplares das espécies vegetal, além de treinamento de monitores para atuação com o público. Porém, passados dois anos, a equipe do Unibanco Ecologia, após visitas ao local, notificou que a área estava aquém do previsto no projeto, rompendo, portanto, os laços com o Instituto Butantan. O único vestígio desse projeto é a placa de reinauguração, localizada na entrada do HOC. Nesse mesmo período, a Seção de Parasitologia foi transferida para outra edificação.

Recentemente, a casa passou por uma nova reforma. Nesse local, será instalado o Núcleo de Educação Ambiental do Instituto Butantan, onde serão ministradas aulas temáticas sobre animais peçonhentos para grupos previamente agendados. Já a área externa será utilizada como extensão dessa atividade, possibilitando uma representação da relação dos animais estudados com seu ambiente natural.

Bibliografia

- ALMEIDA, A. M. – *A relação do público com o museu do Instituto Butantan: análise da exposição "Na natureza não existem violões"*. São Paulo. 1995. 172 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.
- AMARAL, A. do – *Relatório Anual do Instituto Butantan*, 1920.
- AMARAL, A. do – *Relatório Anual do Instituto Butantan*, 1934.
- AMARAL, A. do – *Relatório Anual do Instituto Butantan*, 1935.
- AMARAL, J. P. – *Relatório Anual do Instituto Butantan*, 1969.
- ARANTES, J. B. – *Relatório Anual do Instituto Butantan*, 1946.
- BRAZIL, V. – *Relatório Anual do Instituto Butantan*, 1918.
- BRAZIL, V. – *Relatório Anual do Instituto Butantan*, 1924.
- BRAZIL, V. – *Relatório Anual do Instituto Butantan*, 1925.
- BRAZIL, V. – *Relatório Anual do Instituto Butantan*, São Paulo: Elvino Poçai, 170p. 1941.
- CINTRA, A. P. U. – *Relatório Anual do Instituto Butantan*, 1919.

- FONSECA, F. – Instituto Butantan sua origem e contribuição ao progresso de São Paulo. *In: Instituto Histórico e Geográfico do Governo do Estado de São Paulo. São Paulo em Quatro Séculos*. São Paulo: [s.n.], p. 269-319. 1954.
- HOEHNE, F. C. – O Horto Oswaldo Cruz e seus fins. *Chácaras e Quintaes*, 16:(3):196, set., 1917.
- HOEHNE, F. C. – *Álbum da Seção de Botânica do Museu Paulista e suas Dependências, etc*. São Paulo: Imprensa Methodista, 2001. p. 1925.
- HOEHNE, F. C. – *Resenha Histórica para a comemoração da vigésimo aniversário da Seção de Botânica e Agronomia anexa ao Instituto Biológico de São Paulo*: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, 166 p. 1937.
- INSTITUTO BUTANTAN. Prof. Dr. Flávio Oliveira Ribeiro da Fonseca (1900-1963). *Memórias do Instituto Butantan*, São Paulo, 31(1): 1-2, 1964.
- INSTITUTO SERUMTERÁPICO do Estado de São Paulo. RJ: Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930) Casade Oswaldo Cruz / Fiocruz, 2004. Disponível em <http://dichistoriasaude.coc.foicruz.br>. acesso: 10/05/2004.
- KRAUSS, R. – *Relatório Anual do Instituto Butantan, 1922*.
- LOPES, M. M. – *O Brasil descobre a Pesquisa Científica: os Museus e as Ciências Naturais no século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997. p.95.
- MUSEU DO ESTADO RJ: Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930) Casade Oswaldo Cruz / Fiocruz, 2004. Disponível em <http://dichistoriasaude.coc.foicruz.br>. acesso: 10/05/2004.
- MORAES, R. H. P. Lauro Pereira Travassos Filho (1918-1989). *Memórias do Instituto Butantan, São Paulo*, 51(3): 73-78. 1989.
- OLIVEIRA, J. L. – Cronologia do Instituto Butantan (1888-1981) 1ª parte: 1888-1945. *Memórias do Instituto Butantan*. São Paulo, 44/45: 11-79. 1980/81.
- ROCHA, Y. T.; CAVALHEIRO, F. – Aspectos históricos do Jardim Botânico de São Paulo. *Revista Brasileira de Botânica*, São Paulo, 24(4): 577-586, dez. 2001.
- RIBEIRO, M. A. R. – *Saúde pública e as empresas químico-farmacêuticas*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, 7(3): 607-626, 2001.
- TEIXEIRA, A. R. – Resenha histórica do Instituto de Botânica de São Paulo, *Ciência e Cultura*, SP, 40(11):1045-1054, nov. 1998.
- VALLE, L. A. R. – *Relatório Anual do Instituto Butantan*, 1956.